

# Bando Escolástico

Recitado em 5 de Dezembro de 1926

PELO

ALUNO DO 7.º ANO DE CIÊNCIAS

*Jayme Ribeiro da Costa Sampaio.*

**O'** Guimarães velinho, ó venerando ancião  
que foste o criador, o pai desta nação  
de santos e de heróis, guerreiros esforçados,  
cujos nomes Camões, em cantos sublimados,  
num poema imortal, levou ao mundo inteiro,  
tu foste, ó Guimarães, o berço do primeiro,  
heróico português que caminhou óvante  
a conquistar terreno a golpes de montante  
para fundar a Pátria amada — Portugal  
— jardim da Europa à beira mar plantado — e o mar  
que murmurante vem às praias p'ra beijar,  
ó meu jardim em flor, a reluzente areia,  
o palco imenso foi da pristina odisseia  
que tornou grande, ilustré, ingente e imortal  
esta Pátria bendita — o nosso Portugal!  
Salvé, ó Guimarães, ó inclita cidade,  
aceita as saudações da nossa mocidade!

Oh! mas como é ingrata a gente lusitana!  
Na *delenda Cartago*, insólita e insana,  
a que se assiste agora, é acinte sôbre acinte:  
primeiro foi o *vinte*, o nosso bravo *vinte*,  
que conseguindo ao longe os fulgores da glória  
dando em holocausto, nos altar's da História,  
os bravos filhos seus, foi condenado à morte.  
Que triste, ó Guimarães, que triste é a tua sorte!  
Levaram-te a bandeira — horror! — quem tal previra!  
e a banda foi tocar p'ra as bandas de Tavira!...  
O teu velho Castelo, ó Guimarães velinho,  
chora ao ver que alguém quer desfazer o teu ninho  
tirando-te o que é teu... E ao verem que tu choras  
mandam-te um batalhão das tais metralhadoras:  
quatro centos piões e mais duzentas bestas...  
Tuas compensações, ó Guimarães, são *estas*.  
E vós, damas gentis, porque chorais assim?  
Coitadas, eu bem sei: não tendes no jardim  
a banda musical, tocando peças finas...  
Têm mais sorte que vós as damas... *marroquinas*.  
O' belas, sossegai os vossos corações:  
também tendes direito a ter compensações,  
por isso vos darão à laia duma esmola  
automáticos sons que vêm da pianola  
em pequenos jardins chamados os cafés.  
E' música tocada apenas com os pés...

Do teu manto de arminho e pedras preciosas  
quizeram, Guimarães, uma das mais formosas  
jóias que tu tens arrebatat-te um dia:  
Vizela quiz fugir e quiz formar concelho,  
mas tu, ó Guimarães, corando, pobre velho,  
de vergonha e de dor e justa indignação,  
com brío e altivez lhe respondeste: «Não!  
Não sairás de mim, ó filha estremecida;  
no meu concelho és tu a jóia mais querida,  
o meu encanto, o meu enlêvo, o meu amor.  
Tiveste vibrações de júbilo e de dor  
nas horas de prazer, nos dias de amargura  
da vida de teu pai. Tua alma nobre e pura  
nunca deixou de dar, não recusou jamais  
o amor que devem ter os filhos a seus pais.  
Tu queixas-te de mim! Porquê, linda Vizela?  
Acaso recusei sequer uma parcela  
de cuidado e de amor, de esforço e de carinho  
para que fosses sempre em meu manto de arminho  
a jóia mais formosa? ai! triste! ai! insensata!  
Não queiras ser, oh! não, Vizela, filha ingrata!»

Num soluço de dor, sumiu-se a sua voz...  
E os filhos de Minerva, os estudantes, nós,  
também vamos falar, pois *nos quoque gens sumus*:  
«Vaidades, ilusões, que semelhas os fumos  
que dissipam no ar os ventos da Natura,  
acaso não sabeis que é sempre uma loucura  
pretender arrancar da juvenil memória  
as lições que nos dão as páginas da História?!  
Um dia déste à luz, sob frondosas franças,  
o poeta genial das *Andorinhas mansas*.  
O Bráulio que inda hoje as águas do Vizela  
choram ao recordar a inspiração mais bela,  
que ao pé delas nasceu, o Bráulio é muito nosso!  
Vivendo junto a nós, era o poeta moço  
o genial autor de bandos imortais.  
A água sulfurosa, o parque e tudo o mais  
podes levar, oh! sim! mas ouve: a Mocidade  
não há-de permitir que o *Cisne da Saúde*

deixe de pertencer a esta nobre grei  
onde nasceu Afonso, êsse primeiro rei  
que nos deu um jardim ornado de mil flores  
onde o Bráulio nasceu, brilhando entre os cantores  
dos sentimentos bons, do amor e da saúde...  
Oh! isso não consente a nossa mocidade!»

Senhoras, eu bem sei, mereço a vossa crítica:  
julgai que no que disse a porca da politica  
veio meter nariz. Política?! *Caxixa!*  
Despreza a Mocidade essa nojenta bicha  
que traz o mundo inteiro em triste convulsão.  
Politica, p'ra nós, há uma — o coração.  
Os chefes de valor que mandam sôbre nós  
Senhoras, bem sabeis, êsses chefes sois vós.  
Quer cabelos useis em trança perfumada,  
quer cortados à moda, em forma *arrapazada*,  
quer o vestido desça abaixo dos artelhos,  
ou fique ainda um pouco acima dos joelhos,  
Senhoras, sereis sempre uns anjos de candura,  
a concepção mais alta, a concepção mais pura  
da beleza ideal. P'ra nós a alma é tudo.  
O resto é carnaval, é fingimento, entrudo...  
A cabeleira loira, os lábios de carmim,  
olheiras na mulher que nunca as teve assim;  
a face rubicunda, o rosto coradinho,  
que em casa é cor de leite e fora é cor de vinho;  
que nome deve ter, Senhoras, isto tudo?  
não é um carnaval, não é isto um entrudo?  
E tu, tricana linda, ó pálida *Julietta*,  
também te deixas ir, levada pela treta  
dessa moda imbecil, à busca da pintura  
para ficar's a ser uma triste figura  
pintada a pó d'arroz e a rubro de carmim!  
Vê lá! não queiras ser, ó tricaninha, assim:  
não deites nêsse rosto as drogas nem a tinta,  
se não quizer's ouvir cantar o «*Pinta, pinta*»...

Senhoras, Ruy Chianca, o poeta ideal,  
quere reconquistar o velho Portugal!  
Veio numa embaixada, em ânsias de amor,  
falar de Portugal, dum Portugal maior.  
Nêste berço de heróis — a nossa Guimarães —  
abundam os heróis, sois vós, ó santas mães!  
O velho Portugal d'Ourique e Aljubarrota  
há-de seguir da glória, em brilhante derrota,  
o caminho da luz, da verdade e do bem,  
se cada uma de vós aprender a ser mãe.  
A mãe que o sabe ser, a grande educadora,  
é que há-de promover a radiante aurora  
da nova geração, viril, altiva e forte.  
Oh! sim, há-de arrancar esta nação à morte  
a que a querem levar os falsos portugueses  
onde traidores houve, algumas, muitas vezes.  
Senhoras, anjos bons da beleza e do amor,  
haveis de conquistar um Portugal maior:  
a luz do vosso olhar, e o encantador sorriso  
farão da nossa terra, um céu, um paraíso  
de graças e de amor, de paz e de ventura  
como outro jamais houve em reinos da Natura.

Senhoras, vai surgir a mais bela manhã  
da nossa Guimarães! Traremos a maçã,  
o símbolo do amor, formosa e perfumada.  
Aceitai-a, gentis! E' bela a embaixada  
que vem desempenhar junto de vós, ó belas,  
a nossa mocidade em frases bem singelas.  
Ela vem p'ra dizer: Senhoras, o estudante  
é sempre a alma grande, o coração amante  
que não sabe enganar, que não sabe mentir,  
que passa a vida alegre, a cantar e a sorrir;  
mas faz isto baixinho, tremendo, cuidadosa,  
para não despertar o bicho — a tal rapoza  
que, astuta, nos espregueia à porta do Liceu.

Hoje, amigos, brincai! Reitor hoje sou eu!  
Nêsses bombos rufai com garbo e valentia!  
Fázei que Guimarães se inunde em alegria.  
Ide sempre a rufar, com engenho e com arte,  
num rufo colossal que faça tremer Marte,  
que faça até tremer as pernas a Saturno,  
a Júpiter, Vulcano; e depois, por seu turno,  
ao mundo vá dizer: «Ninguém daqui nos tira,  
ninguém pode mandar os bombos p'ra... Tavira.  
Amigos, e se alguém tiver tal tentação,  
rufai bem e dizei: «*Patêgo, olha o balão!*»